

LARA CRISTINA CABRAL

CORPO COREOGRÁFICO DAS BANDAS MARCIAIS

FERRAMENTAS DIGITAIS NO ENSINO E APRENDIZAGEM



LARA CRISTINA CABRAL

CORPO COREOGRÁFICO DAS BANDAS MARCIAIS

FERRAMENTAS DIGITAIS NO ENSINO E APRENDIZAGEM

Editora Metrics
Santo Ângelo – Brasil
2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>

Revisão: A autora

Capa: Freepik

CATALOGAÇÃO NA FONTE

C117c Cabral, Lara Cristina

Corpo coreográfico das Bandas Marciais [recurso eletrônico] : ferramentas digitais no ensino e aprendizagem / Lara Cristina Cabral. - Santo Ângelo : Metrics, 2025.

53 p.

ISBN 978-65-5397-313-8

DOI 10.46550/978-65-5397-313-8

1. Bandas Marciais - Corpo coreográfico. 2. Ferramentas digitais. 3. Ensino-aprendizagem. I. Título

CDU: 792.8:78.084

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720



Rua Antunes Ribas, 2045, Centro, Santo Ângelo, CEP 98801-630

E-mail: editora.metrics@gmail.com

<https://editorametrics.com.br>

Conselho Editorial

Dr. Charley Teixeira Chaves	PUC Minas, Belo Horizonte, MG, Brasil
Dra. Cleusa Inês Ziesmann	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dr. Douglas Verbicaro Soares	UFRR, Boa Vista, RR, Brasil
Dr. Eder John Scheid	UZH, Zurique, Suíça
Dr. Fernando de Oliveira Leão	IFBA, Santo Antônio de Jesus, BA, Brasil
Dr. Glaucio Bezerra Brandão	UFRN, Natal, RN, Brasil
Dr. Gonzalo Salerno	UNCA, Catamarca, Argentina
Dra. Helena Maria Ferreira	UFLA, Lavras, MG, Brasil
Dr. Henrique A. Rodrigues de Paula Lana	UNA, Belo Horizonte, MG, Brasil
Dr. Jenerton Arlan Schütz	UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil
Dr. Jorge Luis Ordelin Font	CIESS, Cidade do México, México
Dr. Luiz Augusto Passos	UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
Dr. Manuel Becerra Ramirez	UNAM, Cidade do México, México
Dr. Marcio Doro	USJT, São Paulo, SP, Brasil
Dr. Marcio Flávio Ruaro	IFPR, Palmas, PR, Brasil
Dr. Marco Antônio Franco do Amaral	IFTM, Ituiutaba, MG, Brasil
Dra. Marta Carolina Gimenez Pereira	UFBA, Salvador, BA, Brasil
Dra. Mércia Cardoso de Souza	ESMEC, Fortaleza, CE, Brasil
Dr. Milton César Gerhardt	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Muriel Figueredo Franco	UZH, Zurique, Suíça
Dr. Ramon de Freitas Santos	IFTO, Araguaína, TO, Brasil
Dr. Rafael J. Pérez Miranda	UAM, Cidade do México, México
Dr. Regilson Maciel Borges	UFLA, Lavras, MG, Brasil
Dr. Ricardo Luis dos Santos	IFRS, Vacaria, RS, Brasil
Dr. Rivetla Edipo Araujo Cruz	UFPA, Belém, PA, Brasil
Dra. Rosângela Angelin	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dra. Salete Oro Boff	IMED, Passo Fundo, RS, Brasil
Dra. Vanessa Rocha Ferreira	CESUPA, Belém, PA, Brasil
Dr. Vantoir Roberto Brancher	IFFAR, Santa Maria, RS, Brasil
Dra. Waldimeiry Corrêa da Silva	ULOYOLA, Sevilha, Espanha

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BE – Banda Escolar

BM – Banda Marcial

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CC- Corpo Coreográfico

CEJA – Colégio Estadual Jardim América

CM – Corpo Musical

CNBF - Confederação Nacional de Bandas e Fanfarras

ERE - Ensino Remoto Emergencial

LF – Linha de Frente

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

PSS - Processo Seletivo Simplificado

RA - Realidade Aumentada

RV – Realidade Virtual

SINTEGO - Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás

TDICs - Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 METODOLOGIA	17
3 ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DAS BANDAS MARCIAIS	19
3.1 Das origens ao pedagógico.....	21
3.2 Conceito e composição das Bandas Marciais Escolares.....	24
3.3 Corpo coreográfico das Bandas Marciais.....	25
4 METODOLOGIA DE ENSINO E FERRAMENTAS DIGITAIS PARA O CORPO COREOGRÁFICO	29
4.1 Dança específica ao Corpo Coreográfico	31
4.2 Metodologias Ativas nas aulas de dança para Corpo Coreográfico...	34
5 BENEFÍCIOS E DESAFIOS NO USO DE TECNOLOGIAS NO ENSINO APRENDIZAGEM EM DANÇA	37
5.1 Estratégias para maximizar a implementação da tecnologia.....	42
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
ANEXO.....	53

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa traz os aspectos que envolvem a especificidade de uma dança praticada por estudantes do Ensino Fundamental e Médio, pertencentes ao Corpo Coreográfico (CC) das Bandas Marciais (BM), que compõem um dos elementos da Linha de Frente (LF) de uma Banda, essa por vez, é precedida de um Corpo Musical (CM), composto basicamente com instrumentos de sopro e percussão.

Compreende-se por CC um grupo responsável ao enriquecimento da apresentação da Corporação, através da dança, nas apresentações, podendo ser paradas com ou sem deslocamentos, no caso dos desfiles.

Essas corporações advêm de movimentos históricos do país e atualmente estão presentes principalmente nas escolas, com efetiva participação na formação do sujeito em aspectos cognitivo, formal, artístico, no entanto, social, emocional e com significado profundo no sensível (Francisco, 2023).

Devido suas características cívica e militar, por tradições que percorrem suas origens, ao adentrar ao meio educacional, as bandas foram adaptadas para incorporar aspectos relacionados ao ensino e aprendizagem, juntamente às adequações às Leis Educacionais.

Embora as bandas escolares, em sua maioria presentes nas instituições escolares públicas, mesmo no ensino regular, integral ou militares seguirem alguns padrões rígidos e tradicionais, em sua maioria, cabe o presente estudo, referenciar outras metodologias possíveis capazes de transmitir, compor e criar alternativas, caminhos para se adequar às realidades educacionais vigentes, conforme o surgimento das necessidades, das mudanças de costumes e hábitos das gerações atuais, como as adaptações necessárias com a pandemia do COVID-19.

Foi acompanhando as expectativas e atendendo as exigências, que no período da COVID-19, escolas, professores, alunos, sociedade, mundo no geral foram pegos de surpresa com o *lockdown*, mas a vida, no entanto, não poderia parar. Nesse aspecto, diversas formas de ensinar e aprender foram reinventadas, criadas, apropriadas para permitir que a escolarização continuasse. Desta forma, viu-se a necessidade de ressignificar o ensino e aprendizagem, utilizando-se das ferramentas digitais para chegar o conhecimento necessário aos estudantes.

A partir da vivência durante esse período tornou-se possível organizar possibilidades para fomentar as práticas pedagógicas inerentes ao objeto de estudo, concretizando na pesquisa aqui, referendada, tratando-se dos dias atuais, de como é possível conduzir os trabalhos relação ao CC das BM, diante o uso dos aparatos tecnológicos. Em destaque ao Estado de Goiás que fomentou essa prática, retratada, como práxis efetivada e consolidada.

No entanto, inúmeras adaptações tiveram que ser implementadas, durante esse período mencionado e grandes possibilidades de expansão aos ensinamentos, posteriormente. Nesse momento, foi possível vivenciar as aulas de forma remota, criar e compor células coreográficas com movimentos corporais expressivos, coletivamente e no formato virtual, além de espetáculos *online*, desafios, dentre outras. Diante destas possibilidades foram propostas práticas pedagógicas no contexto escolar, utilizando-se de abordagens interativas, metodologias ligadas à tecnologia e ferramentas digitais.

Intenciona-se desta forma, analisar a possibilidade metodológica de ensinar o corpo coreográfico das bandas marciais, utilizando-se dessas ferramentas digitais, adequando-se ao novo formato de aprendizagem, utilizado atualmente, remanescente de práticas por ora surgidas de outros momentos, mas que hoje se torna comum à geração Alpha, nome dado aos nascidos a partir de 2010 e até 2025, sendo a geração atual.

As salas de aula estão cada vez mais imersas na era tecnológica, envolvendo-se diretamente em novas formas de interação. Porém, é importante destacar que os aparatos digitais têm contribuído e continuarão intensificando o desenvolvimento de habilidades relacionadas ao mundo virtual. Isso se relaciona com a ideia de uma forma ampliada de ensino.

Sendo assim, intenciona-se aliar novos caminhos de ensino aprendizagem, adequando-se a realidade atual, retratando como os recursos digitais viabilizaram novos preceitos de ensino, desse tipo de dança, colocando o aluno no centro do processo, buscando desenvolver a capacidade crítica, criativa, independente e construtor do seu próprio conhecimento (Barros, 2019).

Dessa forma, o problema, se resume no seguinte questionamento: Como as ferramentas digitais podem auxiliar no processo de ensino e aprendizagem no Corpo Coreográfico (CC) das Bandas Marciais (BM) com foco em práticas inovadoras?

Sendo assim, essa pesquisa tem como objetivo geral investigar a utilização de ferramentas digitais no processo de ensino e aprendizagem, com ênfase nos benefícios promovidos para o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes, componentes do Corpo Coreográfico das Bandas Marciais, em busca de novos caminhos, quebrando com os parâmetros do tradicional.

Apoia-se nos objetivos específicos, para tanto: identificar as principais ferramentas digitais capazes de subsidiar uma nova metodologia de ensino e aprendizagem direcionada ao corpo coreográfico; analisar como vem se organizando o ensino da dança pós-pandemia aos dias atuais, inovando o ensinar e aprender através de influências e destaque ao se apropriar dos recursos digitais; propor práticas pedagógicas, no contexto escolar, tanto para estudantes do ensino fundamental, quanto do ensino médio, com aulas do projeto extra curricular das BE, no contraturno, em escolas regulares de ensino, utilizando-se de abordagens ativas e tecnológicas, construindo assim uma possível metodologia educacional. Para tanto, utilizou-se da pesquisa bibliográfica, qualitativa, com finalidade descritiva, para focalizar o eixo central do objeto de estudo, em questão.

A fim de aprofundar e enriquecer ainda mais a discussão a respeito do tema, o presente trabalho traz, no primeiro capítulo, uma abordagem sucinta dos aspectos históricos e culturais, bem como a composição das Bandas Marciais com seus respectivos elementos. No segundo capítulo abordou-se a metodologia utilizada para a realização deste trabalho, descrevendo os aspectos envolvidos na pesquisa. Os capítulos seguintes trata-se dos aspectos Históricos e Culturais das Bandas Marciais das origens ao pedagógico, conceito e composição das referidas, do Corpo Coreográfico e em especial da dança executada, no que diz respeito ao capítulo três; no quarto capítulo, trata-se da metodologia de ensino e metodologias ativas nas aulas, prática pedagógica; o capítulo quinto apresenta, benefícios e desafios no uso de tecnologias no ensino aprendizagem em dança na concepção metodológica. Segue-se, no capítulo sexto foram explanadas as considerações finais. E por último as referências bibliográficas.

2 METODOLOGIA

Essa pesquisa é do tipo bibliográfica, com análise detalhada e criteriosa de artigos científicos, livros e publicações acadêmicas relevantes, com o objetivo de compreender o processo histórico e cultural das Bandas Marciais presentes nas escolas, até os dias atuais, como parte do objeto de estudo.

Para Severino, (2013, p. 106) “A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados”.

Trata-se de abordagem qualitativa com análise feita nos dados coletados de forma descritiva, que visa associar o levantamento histórico dessa dança às Bandas Escolares, bem como a formação das corporações com suas partes específicas, com enfoque no Corpo Coreográfico, que traduz sua particularidade. Segundo Severino, (2013, p. 107) “A pesquisa descritiva tem por objetivo descrever as características do objeto que está sendo estudado e proporcionar uma nova visão sobre essa realidade já existente”.

Para efetivar essa pesquisa, foi realizado um levantamento na literatura acadêmica disponível em bases de dados científicas, como *Google Acadêmico* e *Scielo*. O foco principal foi direcionado para artigos, teses, livros e documentos que discutem corpo coreográfico das bandas marciais ferramentas digitais no ensino e aprendizagem, os descritores de pesquisas foram: ‘coreográfico’, ‘ferramentas digitais’, ‘ensino e aprendizagem’. Estas palavras-chave foram pesquisadas no corte temporal de 4 anos (2020 a 2024) a partir da pandemia do COVID19 – provocada pelo vírus SARS-Cov-2. Visto que esse período o ERE (Ensino Remoto Emergencial), propiciou novas reflexões acerca das metodologias até então utilizadas e ampliou as possibilidades com o uso das TDICs.

Desde então, houve a seleção dos dados, realizaram-se leituras bibliográficas com a finalidade de analisar, interpretar, ordenar e sintetizar as informações, com o intuito de alcançar os objetivos da pesquisa e responder à questão norteadora do trabalho.

Estabelecer critérios rigorosos para inclusão e exclusão de materiais foi uma etapa crucial do processo. Os critérios de inclusão se restringem

aos artigos e estudos publicados nos últimos anos, que tratem diretamente da temática de corpo coreográfico das bandas marciais, ferramentas digitais no ensino e aprendizagem. Foi necessário, priorizar aqueles que apresentaram dados empíricos ou análises relevantes que possam contribuir para a compreensão do tema. Por outro lado, foram excluídos da análise trabalhos que não se concentram no contexto do corpo coreográfico das bandas marciais em relação à tecnologia.

Durante a pesquisa, constataram-se como as ferramentas tecnológicas foram integradas ao ensino aprendizagem durante o período da pandemia e quais legados foram deixados, através das experiências desenvolvidas, bem como a construção de uma nova abordagem metodológica específica para o ensino de dança, pertencente ao Corpo Coreográfico das Bandas Marciais, como foi consolidada e está sendo aplicada atualmente. Personalizando assim, uma metodologia própria subsidiada por recursos tecnológicos variados, tanto no formato presencial, quanto de forma híbrida, interativa.

Diante a análise dos dados coletados na bibliografia acessada para desenvolver a pesquisa, constatou-se poucos materiais publicados com esse fim e recortes sobre as ferramentas tecnológicas, bem como as metodologias ativas foram os subterfúgios utilizados para dar suporte à linha de pensamento adotada, subsidiando o aporte teórico da pesquisa desencadeada, bem como o pensamento crítico e progressista de como se utilizou dos instrumentos tecnológicos para propor algo inovador, despertando o interesse e curiosidade dos estudantes, bem como possibilitando outras formas de ensino e aprendizagem.

Por fim, esse estudo baseou-se na proposição de uso de ferramentas digitais, como sendo uma nova abordagem de métodos educacionais, voltado para um tipo de dança específica.

3 ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DAS BANDAS MARCIAIS

A escolha do estudo foi pautada por critérios bem definidos, como publicações mais antigas, já que cabe uma parte explicativa dessa tradição que envolve as Bandas. Abranger os aspectos históricos e culturais das Bandas Marciais torna-se necessário voltar um olhar especial para a História do Brasil, faz necessário identificar e entender diversos indícios que justificam hoje a permanência dessas corporações nas escolas, bem como a conservação de algumas tradições, em contrapartida com as reinvenções, transformações do ensino aprendizagem, nessa área de conhecimento.

O aporte teórico tem-se a história nos seus registros formais, como livretos das épocas retratadas a diante, fotos, jornais, literatura científica, já que o assunto não é tão explorado, os legados culturais dos povos originários, aos dias atuais com as produções publicadas em decorrência das vivências de pesquisadores, bem como o Silva (2020, p.75) “abordagem teórica que considera a história através de registros formais, destaca a importância dos documentos, das ações, das práticas culturais em diferentes épocas, permitindo um olhar mais atento sobre as influências e heranças que moldam a identidade de sociedades contemporâneas”, estabelecendo o diálogo com autores de referência em educação.

Silva e Protásio (2018, p.7) afirmam também que “a pesquisa acadêmica e as produções publicadas sobre as bandas marciais oferecem um arcabouço teórico que enriquece o entendimento da sua relevância na educação”. Investigações que analisam a prática dessas bandas em contrapartida com legados culturais e sociais revelam como a música pode ser uma poderosa ferramenta educacional, bem como a dança. As bandas marciais têm uma rica história e desempenham um papel significativo nas tradições culturais de várias sociedades, especialmente em países da América Latina, como o Brasil. A seguir, aborda-se alguns aspectos históricos e culturais que envolvem as bandas marciais.

Ao compor esse aporte teórico, é essencial fazer uma reflexão crítica que considere tanto a história quanto as vivências contemporâneas. Assim, pode-se entender como as tradições e os legados culturais continuam a influenciar as práticas educacionais e o desenvolvimento das artes marciais, promovendo um diálogo significativo entre passado e presente. A pesquisa

e a reflexão nesse campo podem ainda contribuir para o fortalecimento das identidades e para a valorização das práticas culturais originárias no contexto da educação.

Dessa forma, tem-se como ponto de partida a criação das Bandas enquanto arte musical nas relações históricas, seus encaminhamentos estéticos, desdobramentos sociais, até chegar às estruturas atualmente reconhecidas, sistematizadas, no que diz respeito ao conjunto Banda Marcial. Entende-se por BM o conjunto composto pelo Corpo Musical, instrumentos de sopros e percussão, que executam as peças musicais, antecedido pela Linha de Frente com seus respectivos componentes, chamados de naipes: Estandarte, Balizas, Pelotão Cívico, Mor e Corpo Coreográfico. Objeto de estudo em questão. (Anexo - Figura 01).

As danças são apresentadas por esse Corpo Coreográfico durante os desfiles cívicos em constante movimentação ou paradas em forma de espetáculos, festivais e apreciações artísticas, acompanhando as músicas, concomitante e têm como característica a marcialidade.

Termo advindo do Bélico, diz respeito aos movimentos de membros inferiores desígnios de sincronia, ritmado com a cadência musical, em harmonia com membros superiores, em sua maioria, segurando um adereço e promovendo evolução corporal de coordenados gestos, no caso, em grupos, deslocando-se em um espaço.

Tudo indica que essa tradição foi uma compilação entre diversos momentos da história do Brasil aos dias atuais. Perpassa pelos jesuítas, que usufruíam desses conjuntos musicais para auxiliarem na educação dos pagãos. Segundo Brandani (1985, p.21) “A música ensinada aos índios era a música formal europeia, sendo a Cultura nativa totalmente desprezada e depois, imposta aos negros que também participavam dessas formações musicais, obrigatoriamente».

Acompanhando a linha cronológica histórica, há indícios que os portugueses não foram os únicos a introduzirem aspectos culturais no Brasil, no caso relacionado ao aprendizado musical. Povos imigrantes também tiveram uma participação considerável em nossa formação, principalmente a musical, entre eles: italianos, alemães, holandeses e outros, justificando as colônias instaladas (Granja, 1984).

Entende-se que o estabelecimento da família real no país, bem como os costumes europeus, remete interpretar que as bandas de música foram introduzidas no exército luso-brasileiro, na passagem do século XVIII para o XIX, como parte de uma cultura aristocrática a

qual reportava a oficialidade. As bandas militares foram ampliando as corporações, equipando seus quadros com bandas musicais, servindo não só a oficialidade, mas ocupando a distração popular, mantendo o caráter militar. Segundo Tinhorão (1998, p. 179), “Já se encontrava tais Corporações, reflexo do quadro nacional, sendo originário do movimento de Criação das Bandas da Guarda Nacional, a partir da década de 1830”.

Outra versão histórica cultural, diz respeito aos costumes advindos das comunidades europeias, associado à ideia de banda, música e dança, importante nesse objeto de estudo, é a ‘festa profana’. Em meados do século XIX, denominado de Carnaval, a festa veio substituir o tradicional Entrudo e havia participação maciça de bandas nas comemorações, nos salões oficiais e populares. Segundo Tinhorão (1998, p.178), “Difundindo e massificando as artes em todo seu complexo. Inclusive com alusão às danças, em especial a estrutura comparada à formação atual das corporações, com comissão de frente, identificação, adereços em destaque, figurinos chamativos, característicos à estética e estereótipos tratados”.

Independentemente de onde, como, quando e porque surgiram, não se pode contestar que as bandas e fanfarras, como a priori eram formadas, por instrumentos de sopros simples e percussão, advieram dos movimentos populares, da miscigenação histórica e cultural dos povos originários, designadas para entretenimento, nas tretas, retretas, apresentações fúnebres, apresentações nos coretos, procissões, saraus, dentre outros momentos de distração, principalmente nas reuniões de segmentos sociais privilegiados, no intuito de abrilhantar o ensejo por ora celebrado. (Binder, 2006, p.26).

Fato que dá precedentes para interpretar indícios e caminhos diversificados para essa cultura popular instalada em várias partes de nosso país.

3.1 Das origens ao pedagógico

Houve muito incentivo para a criação de Bandas Militares no país, principalmente após a Proclamação da Independência, em 1822, obtendo-se mais atenção por parte das autoridades, inclusive formando Bandas em cada representação militar, de acordo com os modelos europeus.

De acordo com Tinhorão (1998, p.200), no período em que se inicia a República 1889, surge diversas “Bandas nas Corporações Militares havendo certa ‘obrigatoriedade’ a existência delas em seus segmentos, servindo do militar ao entretenimento, inclusive nas celebrações,

comemorações civis, religiosas, festivas e festas populares”. A exemplo, verifica-se forte influências dessa época retratada aos dias atuais:

As Bandas Militares interessam aqui porque foram elas as que exerceram forte influência na formação dos conjuntos que se desenvolveram dentro das escolas. É do final do século XVIII que data o termo banda militar como referência ao conjunto de instrumentos de sopro e percussão constituído por militares. Os historiadores assinalam uma crescente organização das bandas militares no final do século XVIII, associando-as à fixação do nacionalismo e suas guerras [...] mobilizando a expansão da indústria musical (Lima, 2005, p.18).

Desta forma, com a criação da República na entrada do século XX, o governo utiliza-se, já com a consolidação do exército brasileiro, dos militares para criarem as bandas escolares, nas novas escolas republicanas, ganhando identidade nacional, contribuindo para o modelo político-social da época e passam fazer parte do currículo escolar (Lima, 2005, p.20).

Como citado em Tinhorão (2005, p. 90), “os segmentos civis foram sendo incorporados nas Bandas Militares, adentraram as instituições educacionais a fim de consolidar as escolas republicanas, formaram alunos e seguiram os moldes de interesses do sistema da época”.

Momentos variados do ensino de música, arte, dança, entre outros projetos, foram criados, adaptados, reconstruídos e reinventados ao longo da trajetória da Educação, transformando-os, modificando-os aos ideais de cada governo. No decorrer desse processo, as Bandas se destacaram fazendo parte de períodos históricos, em comemorações importantes e foram intituladas dentro das instituições de ensino (Cabral, 2012, p.6).

Do ponto de vista legal, o ensino de primeiro e segundo grau (ensino fundamental e médio, respectivamente), assim como o ministrado nas escolas de música era regido pela Lei nº5692/71 de 11 de agosto de 1971: “Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências”. Essa substituiu a Lei nº 4024/61 de 20 de dezembro de 1962, a qual também fixava como diretrizes educacionais.

Ao longo do tempo surgiram pareceres, resoluções, entre outros, para complementar a lei 5692, até surgir A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (20 de dezembro de 1961, revisada em 1971, no regime militar e sob a custódia da atual, desde 1996), conforme determinação da Constituição Federal de 1988. (Brasil, 1988).

Desses marcos históricos e regulamentares apoia-se mais um preceito para reger o ensino de Arte nas escolas, contemplado na matriz

curricular, a Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016, no seu parágrafo 6º: “As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular”.

Desta forma, solidifica e concretiza o ensino das linguagens artísticas nas escolas, sendo a BM uma dessas manifestações com raízes na história e na cultura brasileira, estabelecida, portanto, nas instituições educacionais, no processo pedagógico e na formação no sensível do estudante, tanto para praticar uma dessas áreas de conhecimento, quanto para apreciá-las.

Para tanto, houve regulamentações educacionais curriculares a fim de encaminhar o ensino aprendizagem. Dentre essas, destaca-se os PCNs (1996), Parâmetros Curriculares Nacionais, os quais estabelecem as alterações no processo educacional, apoiam-se e ampliam as áreas de conhecimentos em suas especificidades e se expandem.

Compreende-se que os PCNs tratam do “uso da informática como meio de informação, comunicação e resolução de problemas, a ser utilizada no conjunto das atividades profissionais, lúdicas, de aprendizagem e de gestão pessoal” (Brasil, 2000, p. 19).

Em relação às áreas das linguagens, nesse caso, subsidiando o trabalho das BM, uma vez que as orientações voltadas às disciplinas relacionadas a este eixo temático, em especial as artes, inclusas, refletem uma apropriação da tecnologia e de seu uso para a realização de tarefas e atividades, estabelecendo um diálogo entre as ferramentas tecnológicas e as linguagens artísticas, no caso, corpo e movimento, associado à dança e a música. Vale a pena ressaltar que até então, os PCNs preveem os professores de artes ainda polivalentes, as escolas são autônomas para elaborar suas propostas pedagógicas, o que inclui a Educação Musical em cada unidade escolar, determinando novas perspectivas para o ensino e aprendizagem (Silva, 2017, p. 39).

Mais adiante e nessa linha de pensamento, com um leque de possibilidades intitula-se a BNCC, Base Nacional Comum Curricular (2017), promovendo as particularidades tratadas em cada fase do conhecimento e suas áreas, dentre ela, a tecnologia e seus códigos. Parte que apoia o objeto de estudo em questão.

A BNCC passa dar polivalência às artes de forma integradas, que exploram as relações e articulações entre as diferentes linguagens (dança, música, artes visuais e teatro) e suas práticas, inclusive ampliando as possibilidades pelo uso das tecnologias de informação e comunicação, enfatizando as habilidades a serem desenvolvidas ao “explorar diferentes

tecnologias e recursos digitais nos processos de criação artística” (Brasil, 2017, p. 203).

Nesse aspecto dar-se-ão normativas que indicam as possibilidades do contínuo trabalho pedagógico das BM dentro das instituições de ensino, tanto públicas ou privadas ou mesmo agremiações independentes, subsidiando o componente artes, além de “identificar e manipular diferentes tecnologias e recursos digitais para acessar, apreciar, produzir, registrar e compartilhar práticas e repertórios artísticos, de modo reflexivo, ético e responsável” (Brasil, 2017, p. 211).

Desta forma, o uso das TDICs permite esse diálogo entre essa área de conhecimento, em especial e dialoga com o trabalho específico do Corpo Coreográfico das Bandas Marciais Escolares.

3.2 Conceito e composição das Bandas Marciais Escolares

Continua-se para melhor compreensão com a cronologia dos fatos, pois a fim de conceituar e de descrever a composição da BM, a priori, compreende-se como foi estruturada. Com a consolidação da corporação militar nas escolas, bem como os ensinamentos musicais, leva-se a crer que com a expansão dessa arte deu-se a organização de Campeonatos de Bandas, segundo Brandani, (1985, p.109) “O campeonato da Record foi oficializado pelo Governo do Estado de São Paulo em 1969. E no início da década de 70, no auge do nacionalismo do governo militar, o campeonato tornou-se nacional, ocorrendo durante várias etapas”. Esta influência dos militares nas Bandas de Músicas Escolares pode ser identificada no Festival de Bandas promovido pela Rádio Record na década de 1950, as quais eram regidas por militares, em maioria.

Desde então e por interesse governamental, cria-se o decreto N.51.826, de 5 de maio de 1969, de acordo com Corrêa (2017, p.49) “os concursos de Bandas Musicais e Fanfarras”, a fim de “preservar e desenvolver o culto às tradições, e os traços culturais”. Ressalta que havia intenção maior, do que tudo indica, por grandes interesses de manter a ordem, a disciplina e ao culto cívico.

Nesse instante, parece proferir e reverberar para todo o país a prática e a ampliação de mais adeptos às formações das BM Escolares. Nesse sentido, elaboram-se regras para sistematizar os concursos, bem como a padronização da formação de uma corporação, com seus devidos segmentos.

Como mencionado, é marcial porque vem da marcha, marcação cadenciada por ritmos específicos às peças musicais executadas, com trocas de passos acompanhando a cadência do dobrado, designo comum aos compassos para dar frequência ritmada de um pé tocado ao solo, após o outro, em sucessivas repetições. A fim de consolidar a uniformidade no processo de julgamento durante os concursos, procriaram-se critérios e padrões específicos a serem seguidos por todos os participantes: Harmonia, Musicalidade, Alinhamento, Evolução, Formação, Sincronismo, Marcha, Garbo, Uniformidade, Dificuldade Técnica, Ritmo e Criatividade (Confederação Nacional de Bandas e Fanfarras/CNBF, 2024).

Nesse contexto, como objeto de inovação e para chamar atenção dos jurados, aparece a Linha de Frente, a priori designada ao termo Comissão de Frente, oriunda da ideia de Abre Alas, parafraseando o Carnaval e suas respectivas divisões ou ainda, segundo Corrêa (2017, p.59) “a própria etimologia do verbete ‘frente’ sugere o entendimento da LF como sendo uma espécie de combate, abrindo a ideia de abrir caminho para Banda passar”.

Linha de Frente composta por naipes e um deles trata-se especificadamente como o objeto de estudo desse trabalho, que é o Corpo Coreográfico. Mesmo diante o cenário em que as BM Escolares foram incentivadas e se expandiram, no intuito de abrilhantar os eventos, apresentações com evoluções, colorindo e dando movimentos aos sons, interpreta-se também outra visão. Possivelmente cobrindo, camuflando as opressões políticas e civis dos governos das épocas sucessórias, no decorrer da linha do tempo, conduzindo a forma de trabalho, abordando as intencionalidades políticas e sociais no ensinar-aprender, pois se tratava de algo diferencial, sendo inovador.

Com o passar do tempo, essas intenções vão perdendo espaços e os ensinamentos relacionados à dança, música, teatro, as artes integradas, vão tornando-se empoderadas, mantendo-se no espaço escolar enquanto área de conhecimento, dentro do fazer artístico, contribuindo para formação geral do estudante, crítico, criativo e provido de valores sociais, cognitivos e expressivos, não só mais cívicos e muito menos, militares.

3.3 Corpo coreográfico das Bandas Marciais

Como mencionado anteriormente, entende-se por Corpo Coreográfico um naipe presente nas Linhas de Frente das Corporações,

que apresentam as danças específicas, geralmente utilizando-se de adereços em suas composições. As coreografias exigem movimentações complexas, aliada ao ritmo e à melodia de forma sincronizada, com criatividade, com particularidades de seus integrantes, dando alma à música tocada, sob evoluções, com formatos, desenhos e movimentos que apreendem atenção de quem assiste (Corrêa, 2017, p. 203).

O mesmo autor refere-se que atualmente os coreógrafos têm tentado “superar o forte impacto das” influências dos militares ainda visíveis nas LF, pretendendo transcender deste modo “às fronteiras da marcialidade e do tradicionalismo [...] reflete mudança nas concepções coreográficas das LF para além de uma linha evolutiva” (Corrêa, 2017, p.205).

Fazendo ainda referência à história, ao mesmo autor (2017, p.72) há fortes indícios das “influências americanas referidas às *Color Guards* das *Marching Bands*, definida como protetores das cores das Bandas de Marchas”. Dizem respeito às grandes evoluções, as quais proporcionam aspectos adicionais ao conjunto, sendo uma “forma de expressão artística que combina dança, interpretação teatral e habilidades com acessórios, executando lançamentos e recuperações desses, com precisão extrema” (Corrêa, 2017).

Diante o exposto, entende-se que essas influências marcam as características do Corpo Coreográfico, fomentando as novas formas, concepções, (re)significando o ensino aprendizagem desse fazer artístico, desde o período militar, aos dias atuais. Cabe ressaltar que apesar de corporações ainda servir ao tradicional, objetivando concursos, competições, a arte ainda sobrepõe quaisquer intenções em desqualificar os movimentos corporais, com passos específicos que compõe uma dança, criando uma sequência de movimentos e ainda preservando os preceitos incorporados aos elementos técnicos, sobretudo inspirados na criatividade, na cultura e na expansão das possibilidades entre ‘fazer fazendo’, ensinar e aprender.

Nesse aspecto, entende-se que as BM Escolares se estabilizaram e se apoiaram nas concepções militares e tradicionais, tecnicista, principalmente nos anos de 1970, sob influência norte americana, difunde-se a concepção Tecnicista de educação, com estratégia de aprimoramento técnico, no sentido de garantir maior eficiência e eficácia ao processo de ensino-aprendizagem (Manfredi, 1993, p.02).

Desta forma, ousa-se contestar as formas tradicionais de ensino nessa área de conhecimento e subsidiar uma nova metodologia de ensino

aprendizagem, específica para o Corpo Coreográfico presente nas Bandas Marciais Escolares, inovando através das ferramentas digitais, possibilidades de novos horizontes educacionais, enfatizando o objeto de estudo, aqui presente.

4 METODOLOGIA DE ENSINO E FERRAMENTAS DIGITAIS PARA O CORPO COREOGRÁFICO

Diante abordagem anterior, em relação às concepções históricas e culturais que advieram as BM, intenciona-se nesse capítulo, identificar uma nova metodologia de ensino aprendizagem, baseada na utilização das ferramentas digitais, capazes de subsidiar, a sistematização dessa dança, específica para o Corpo Coreográfico.

Conforme Manfredi (1993, p. 01) no que diz respeito à “concepção tradicional de educação, a metodologia de ensino é entendida, em síntese, como um conjunto padronizado de procedimentos destinados a transmitir todo e qualquer conhecimento universal e sistematizado”. Levando em consideração que o contexto de criação das BM Escolares adveio no momento histórico do Brasil, imperado de significados, interesses políticos e sociais, refletiu-se também na concepção metodológica de como essa arte, hoje em dia compreendida, era lecionada, viu-se que o processo educacional acompanhou os movimentos das épocas, referendados nas políticas públicas educacionais, como não poderia ser diferente de qualquer outro segmento social.

Houve várias concepções de educação as quais a metodologia de ensino foi entendida e conduzia o processo de formas variadas, em diferentes épocas históricas do país e do mundo. Dentre elas: Escolanovista¹, Tecnicista², Crítica de Educação³, dentre outras, não menos importante.

- 1 Escalonovista: Influência do pragmatismo de John Dewey no pensamento escolanovista brasileiro, que se expressa, no pensamento de Anísio Teixeira e no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932. A “escola progressiva”, que se baseia no “espírito liberal”, requer “uma organização social que torne possível a liberdade efetiva e a oportunidade do crescimento individual da mente e do espírito de todos os indivíduos” Dewey (1970, p.60). A metodologia do ensino é compreendida com uma visão de garantir o aprimoramento individual e social.
- 2 Tecnicista: O modelo tecnicista de educação prioriza a eficiência, promovendo uma racionalização do sistema educacional que resulta no ensino fragmentado. A concentração recai sobre os métodos, que acabam por definir os propósitos. Assim, ocorre uma inversão no processo pedagógico, onde as técnicas passam a definir os resultados esperados. A base que sustenta a pedagogia tecnicista é o behaviorismo (behavior, conduta) ou psicologia comportamentalista. Skinner, Pavlov e Thorndike foram grandes defensores desse ideal. Silva (2016, p. 206).
- 3 Crítica: Para Saviani (2021, p.47) “o saber é elaborado, sistematizado, que se contrapõe ao saber espontâneo, a finalidade da educação escolar; seu cumprimento é que determina a função política” [...] “cultura sistematizada, condição para o exercício da liberdade”. Pedagogia Histórico

Aporta-se diante o exposto, o presente estudo, aproximando dos ideais presentes no final da década de 1980, seguindo os fatos históricos do país, quando surge a concepção Crítica de Educação. Metodologia de ensino essa que é entendida, “como uma estratégia que visa garantir o processo de reflexão crítica sobre a realidade vivida, percebida e concebida, visando uma tomada de consciência dessa realidade, tendo em vista a sua transformação” (Manfredi, 1993, p.04).

Nesta perspectiva, o objeto de estudo, enfatiza-se o trabalho da educadora Ana Mae Barbosa, defendendo a educação crítica por meio da arte, tendo o desenvolvimento da criatividade e da capacidade crítica associadas. “A arte pode ser uma ferramenta de aprendizagem de todas as disciplinas escolares”. Defensora da ‘arte-educação’, como denomina sua concepção, conhecida como “Abordagem Triangular, um método de ensino de arte que se baseia em três eixos: Conhecer a história da arte, Fazer arte, Apreciar a arte [...] Refere-se aos modos como se aprende, não é o modelo para o que se aprende” (Barbosa, 2019, pp.32-35).

Outro importante nome dessa linha de pensamento é do educador Demerval Saviani que defende a educação integral do homem, a qual perpassa pela escola:

[...] é uma educação de caráter desinteressado além do conhecimento da natureza e da cultura envolve as formas estéticas, a apreciação das coisas e das pessoas pelo que elas são em si mesmas, sem outro objetivo senão o de relacionar-se com elas. Abre-se aqui todo um campo para a educação artística que, portanto, deve integrar o currículo das escolas (Saviani, 2020, p. 05).

A concepção de arte na escola pode ser integrada ao processo educativo como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento integral dos alunos. Enfatiza a “importância da educação crítica e reflexiva, e a arte que podem ser um meio poderoso para alcançar esses objetivos” (Saviani, 2020, p.07).

Dessa forma, em diálogo com os autores mencionados, amplia-se a discussão trazendo como suporte os ideais defendidos pelos mesmos, utilizando-se no caso, a proposta ao referendar as ferramentas digitais a fim de subsidiar o ensino e aprendizagem da dança efetivada pelo Corpo Coreográfico, específico às BM Escolares, de forma crítica, criativa,

Crítica. Freire é outro defensor da “aquisição da consciência crítica através da consciência histórica, projeto educacional sempre contemplou essa prática”, a teoria do conhecimento com base no “respeito pelo educando, na conquista da autonomia e na dialogicidade enquanto princípios metodológicos”. Concepção Dialética de Educação (Feitosa, 1999).

participativa na construção dos movimentos corporais, dentro da realidade escolar, estabelecendo relações entre professor e aluno como sujeito, apropriando-se e construindo o conhecimento.

A prática educativa durante a pandemia e pós esse período até os dias atuais, trouxe a reflexão para subsidiar os trabalhos cotidianos diante a concepção metodológica crítica, pois possibilitou a leitura de mundo e permitiu então aliar e compreender a realidade social, de modo que os estudantes tornassem agentes ativos de transformação da realidade. “A forma de condução dos trabalhos guiam os procedimentos vinculados teoria e prática, transformando a realidade, envolvendo todos no processo de ensino aprendizagem”, conforme Libâneo (1994, p.28).

Nessa linha de pensamento, a elaboração e sistematização de uma proposta metodológica de ensino, diante este referencial teórico, possibilitou reflexões acerca do uso das tecnologias, em uma concepção crítica, e como as ferramentas digitais possibilita o utilização de equipamentos adequados para concretizar a dança do CC, estendida para além das aulas presenciais, possibilitando de forma criativa e participativa a interatividade com os recursos tecnológicos, ampliando o ensino e aprendizagem, além de transformá-lo em outras possibilidades no âmbito escolar.

4.1 Dança específica ao Corpo Coreográfico

De acordo com Marques (2003, p. 104), um dos elementos que define uma metodologia para o ensino da dança é a ideia de corpo: “Esse é o espaço da experiência da dança”. A concepção que o docente tem sobre o corpo define sua visão sobre a sua prática, no caso escolar; sobre seu corpo e sobre o corpo do aluno. De forma consciente ou inconsciente, os professores de dança possuem um entendimento sobre o corpo ao longo de suas vidas, reproduzido em sua prática pedagógica, pois a forma como se vê, percebe e compreende o corpo, relaciona a concepção sobre a educação.

O conceito de Dança é outro elemento que define uma proposta metodológica. Assim, seria a “Dança é execução de uma técnica? Seria um recurso educacional ou uma linguagem artística? Dança é uma forma de conhecimento?” (Marques, 2003, p. 144), ou seja, segundo a autora, cada uma dessas questões implica na escolha de um processo metodológico.

Em se tratando do CC tem-se a técnica específica de uma tradição histórica que é a Marcha. Dentre os movimentos realizados pelas dançarinas (os), essa especificidade deve ser mantida a todo instante ou cadenciada,

conforme a peça musical. Outra especificidade diz respeito à condução dos movimentos corporais dentro do chamado Ordem Unida, referindo-se aos comandos e orientações relação ao tempo, espaço e movimentação.

Outro item relevante a ser retratado é que se dança com músicas tocadas ao vivo e por companheiros estudantes, às vezes até da mesma faixa etária, com o desenvolvimento artístico, cognitivo e social igual ou não, isso quer dizer que o grau de dificuldade se eleva e ao saber que naquele momento da apresentação, variáveis tornam-se constantes, como o *stress*, nervosismo, as condições das intempéries climáticas, da reação do público, da acústica, do espaço, do local, dentre outros fatores. Tudo isso, interfere diretamente na execução dos movimentos, sendo eles de forma impecável, quanto discorrido nos ensaios ou inconsistentes, conforme as situações em que ocorrer a mostra artística.

Assim sendo, as ferramentas digitais podem e devem auxiliar nessa metodologia adotada diante proposta aqui dialogada, utilizando-se dos recursos tecnológicos. As novas metodologias educacionais, alinhadas à inovação, têm como objetivo principal estimular os estudantes a buscar novos conhecimentos, criar condições favoráveis e estabelecer diálogos e críticas, desempenhando um papel fundamental na formação dos discentes e no desenvolvimento da sociedade como um todo (Almeida & Silva, 2011, p.8).

Dessa forma, inovar a metodologia de ensino se torna um meio de transmitir mudanças constantes, proporcionando uma relação social mais significativa e despertando nos alunos o desejo de pensar, agir e refletir sobre suas ações e comportamentos, a fim de se tornarem indivíduos críticos, reflexivos e autônomos em seu cotidiano. “A conexão entre o ensino e a ciência tecnológica requer preparo e estruturação adequada das instituições escolares” (Barros, 2019, p.5). É evidente que o uso da tecnologia no ambiente educacional tem um valor significativo, transformando as práticas diárias e buscando diferentes meios e recursos para desempenhar o papel pedagógico do processo de ensino e aprendizagem. Isso proporciona contribuições significativas para tornar as aulas mais contextualizadas.

O aluno procura satisfazer seus interesses e aspirações na sociedade, comunicando e incorporando o conceito moral de maneira a alcançar seu propósito na sociedade, examinando ideias, adquirindo novas experiências no aprendizado e desempenhando um papel decisivo na coletividade.

Nesse caso, de forma interativa, as aulas de danças podem utilizar-se de tecnologias digitais, como vídeos, aplicativos e realidade virtual, para

aprimorar a experiência dos estudantes. Ao invés de apenas aprender os passos básicos de dança em sala de aula, no formato presencial, podem usufruir da sala de aula invertida no momento em que os estudantes exploram diferentes estilos de movimentos corporais até chegar aos movimentos específicos da dança, aqui tratada, através de vídeos ou aplicativos interativos, jogos, por exemplo, permitindo que eles visualizem coreografias com movimentos complexos, aprendem novos movimentos, se inspirem criando os próprios movimentos corporais e assim de forma individual ao coletivo, irem construindo as danças, em questão.

Além disso, a Realidade Virtual (RV) pode ser usada como uma ferramenta para transportar os estudantes para cenários diferentes, vivenciando apresentações em teatros ou festivais de dança renomados, virtualmente ou presencialmente, proporcionando uma experiência imersiva única, permitindo que os alunos se sintam parte de um espetáculo de dança real.

Da mesma forma, há possibilidade de criação de projetos de dança colaborativos, onde os estudantes trabalham em grupos para criar suas próprias coreografias ou parte delas, chamado de células coreográficas, tendo a oportunidade de explorar diferentes estilos de ritmos, sons que os inspirem e desenvolvem movimentos únicos. No formato presencial, os grupos se apresentam para a turma, ‘costuram’ seus movimentos corporais, utilizam-se de elementos de ligação entre um e o outro, construindo uma ‘frase corporal’ mais complexa, para depois irem aprimorando-os e posteriormente se juntar com a peça musical, tocada pela Banda Marcial, incentivando a criatividade, a colaboração e o trabalho em equipe.

Outro instrumento tecnológico comum utilizado é a filmagem, tanto de propostas de construção de novos movimentos corporais, explorando o espaço, tempo, planos e níveis de execução, quanto de orientação para a autoavaliação da execução desses movimentos, como correção postural, manuseio com o adereço, ritmo, garbo, sincronia com a música, marcha cadenciada, dentre outros. Ou até mesmo brincadeiras, práticas pedagógicas tradicionais e populares, como a técnica de autoimagem conhecida como ‘O espelho do eu’, permitindo ao indivíduo se autoanalisar a partir da sua imagem projetada e esmiuçada para ele mesmo, como objetivo de adquirir noção de consciência corporal, adaptado para o uso de filmagens e autopercepção dos movimentos corporais (Assumpção, 2015).

Essas práticas inovadoras nas aulas de dança combinam elementos tecnológicos e criativos, tudo indica que podem motivar os estudantes

a promoverem a diversidade, possibilitando as aulas mais dinâmicas e envolventes, dentro do contexto tão rígido e tradicional como exposto anteriormente. Desta forma, é possível que permita desenvolver uma educação mais crítica, participativa e socialmente engajada, que envolve a aprendizagem através de atividades significativas, em que os estudantes são protagonistas na construção do conhecimento.

4.2 Metodologias Ativas nas aulas de dança para Corpo Coreográfico

Tudo indica através das observações e leituras que a educação contemporânea tem enfrentado desafios significativos, especialmente no que diz respeito à formação prática e criativa de alunos em áreas artísticas. Dentro desse contexto, a incorporação de metodologias inovadoras, como a sala de aula invertida, a gamificação, o *storytelling* e o uso de *podcasts*, dentre outras, podem transformar as aulas de dança, na Banda Marcial, em experiências pedagógicas mais engajadoras e eficazes.

De acordo com Santos (2020, p.30) a sala de aula invertida, ou *flipped classroom*, “propõe uma reinvenção dos métodos tradicionais de ensino. Nesse modelo, os estudantes têm acesso ao conteúdo teórico por meio de vídeos, leituras ou outros recursos antes de chegarem às aulas práticas”. Esse formato libera o ‘tempo em sala’ para atividades mais dinâmicas e interativas, como ensaios de dança e discussões sobre movimentos e estilos. Nas aulas de dança, com o Corpo Coreográfico, isso permite que os estudantes venham preparados, já com uma compreensão básica dos passos e conceitos que serão explorados, facilitando uma prática mais enriquecedora. Sem contar nas produções de vídeos antes, durante e depois das aulas para posteriores avaliações das performances a executar e executadas, permitindo o ver e rever da produção corporal, atuação individual e coletiva do grupo do CC.

Trindade (2023, p.12) ressalta que a gamificação, por sua vez, “introduz elementos de jogos no ambiente educacional, estimulando a motivação e o engajamento dos alunos”. Nesse estilo de dança em questão, é possível criar competições saudáveis, onde os alunos são desafiados a aprender novas coreografias ou a desenvolver suas próprias performances, seus próprios gestos, manuseios personalizados com os adereços, por exemplo. Ao transformar o aprendizado em um jogo, os educadores fazem com que a prática da dança se torne mais leve e divertida, além de

promover a colaboração entre os colegas, que podem formar grupos para competir em desafios coreográficos, produção de células coreográficas com melhores estilos.

Pinto (2023, p.25) aborda que o *storytelling*, ou a arte de contar histórias, “é uma abordagem poderosa que pode ser utilizada para enriquecer a experiência das aulas de dança. Através da narrativa, os participantes podem entender melhor a origem dos estilos de dança, os significados por trás dos movimentos e o contexto cultural” das apresentações, da história e da cultura. Conta-se história com o corpo, correlacionando também com a música, com a estética, com os adereços, figurinos, *caps*, e assim monta-se a história contada e dançada, além do debate a respeito do tema, da peça musical, fonte expiradora da construção dos gestos corporais, do tempo, do espaço, dos níveis explorados.

Esse processo não apenas enriquece o conhecimento teórico dos envolvidos, mas também promove uma experiência emocional e estética, essenciais na prática da dança. Ao incorporar histórias nas coreografias, os alunos desenvolvem habilidades de interpretação e expressão, fundamentais para suas apresentações.

Akstein (2023, p.27) traz os *podcasts*, outra forma de abordagem, os quais podem tornar “uma ferramenta valiosa no ambiente escolar, oferecendo um espaço para discussões e reflexões sobre a dança”, desse estilo em especial. A criação de um *podcast* voltado para as aulas de dança do CC pode envolver entrevistas com dançarinos, análises de performances e debates sobre técnicas. Os estudantes podem ser incentivados a criar seus próprios episódios, promovendo a pesquisa e a criatividade, servindo como uma plataforma de acesso ao conhecimento, permitindo que os alunos revisitem conteúdos de forma assíncrona, ampliando a aprendizagem fora do horário escolar.

A integração da sala de aula invertida, gamificação, *storytelling* e *podcasts* nas aulas de dança, dentre outras ferramentas digitais, representam um avanço significativo na educação artística. É possível que essas metodologias inovadoras não apenas tornam o aprendizado mais envolvente, mas também preparam os alunos para se tornarem artistas mais completos, capazes de explorar a dança não apenas como uma técnica, mas também como uma forma de contar histórias e expressar emoções. Assim, o futuro da educação na dança se mostra promissor, com ferramentas que potencializam a criatividade e o prazer de aprender.

Sendo assim, a forma híbrida no ensino aprendizagem torna-se real e é capaz de fazer a ponte entre a teoria e a prática, tratando da linguagem contemporânea dos estudantes, envolvendo-os no complexo mundo digital e globalizado.

5 BENEFÍCIOS E DESAFIOS NO USO DE TECNOLOGIAS NO ENSINO APRENDIZAGEM EM DANÇA

Nos últimos anos, a integração das tecnologias no ambiente educacional tem se mostrado uma tendência crescente, e a dança, como uma das linguagens da arte e da prática corporal, não ficou fora desse movimento. O uso de ferramentas tecnológicas no ensino-aprendizagem de dança proporciona uma série de benefícios que impactam tanto educadores quanto alunos.

Um dos principais benefícios do uso de tecnologias no ensino de dança é a ampliação do acesso ao conhecimento. De acordo com Santos (2023, p.39), “com o advento da *internet* e das plataformas digitais, os alunos podem acessar uma vasta gama de conteúdos, como aulas *online*, tutoriais e análises de performances de grandes bailarinos”.

Isso democratiza a educação, permitindo que estudantes de diferentes localidades e condições socioeconômicas tenham a oportunidade de aprender e desenvolver suas habilidades. A utilização de aplicativos e *softwares* específicos podem fornecer informações sobre técnicas, estilos e a história da dança, enriquecendo o repertório dos alunos e fomentando um aprendizado mais profundo.

De acordo com Nunes (2019, p.33) “a tecnologia permite a personalização do ensino de dança, adaptando-o às necessidades e ritmos de cada aluno”. Com a utilização de plataformas que oferecem *feedback* instantâneo, os educadores podem monitorar o progresso de cada estudante, identificando suas dificuldades e sucessos.

Isso possibilita a criação de planos de aula personalizados, que consideram as particularidades individuais de cada componente do CC. Jogos e aplicativos interativos também permitem que os mesmos pratiquem no seu próprio tempo, facilitando a repetição e a automação de movimentos, aspectos cruciais para a assimilação de técnicas na dança.

Giongo e Neuenfeldt (2024, p.14) afirmam que o “uso de tecnologias também enriquece a experiência de aprendizagem ao proporcionar novas formas de interação com a dança”. A realidade aumentada (RA) e virtual (RV), por exemplo, podem criar ambientes imersivos onde os alunos vivenciam estilos de dança de diferentes culturas

e épocas, proporcionando uma compreensão mais rica e contextualizada da arte. Ainda complementam:

[...] as tecnologias digitais e as redes de comunicação não devem ser vistas apenas como ferramentas ou recursos, mas como forças que têm um impacto significativo em várias áreas de nossas vidas. Elas afetam nossa autoconcepção, ou seja, a maneira como nos vemos, nossas interações sociais, como ensinamos e aprendemos, e até mesmo nossa compreensão da realidade e nossa interação com ela. (Giongo & Neuenfeldt, 2024, p.03).

Outro aspecto de relevância ressaltar é a gravação e reprodução de aulas as quais permitem que os estudantes revisitem seus próprios movimentos, promovendo uma reflexão crítica sobre sua prática. Essa autoavaliação é essencial para o desenvolvimento técnico e artístico, pois possibilita uma análise mais detalhada sobre os pontos a serem melhorados, tanto nas performances individuais, quanto coletivas, propiciando os elementos estéticos e o sincronismo como sendo pontos essenciais, principalmente para quem aprecia.

Isso dá oportunidade também para colocar as imagens em câmera lenta, para ver com riqueza de detalhes, o manuseio com um adereço, ou o alinhamento de um componente entre o seu parceiro, nas subdivisões em filas, colunas, chamada de 'testa', para que a percepção de habilidades e competências físicas possam também serem efetivadas de forma coesa e coerente, bem como a expressão do olhar, da face, do alinhamento corporal, dentre outras.

Em se tratando de conjunto, trabalho colaborativo, segundo Costa (2016, p.26) "as tecnologias propiciam um ambiente de interação e colaboração mais dinâmico entre os estudantes". Plataformas de ensino que incorporam fóruns, *chats* e grupos de discussão incentivam a troca de ideias, experiências e *feedback* entre os alunos, promovem a participação mais efetiva, constroem laços de amizade e ajuda mútua, proporcionando um clima de coletividade, fator essencial para deslanchar uma boa coreografia para os praticantes e para uma boa *vibe* para os apreciadores, já que a BM deve estar em perfeita sintonia.

Essa interação é fundamental na dança, onde a socialização e o trabalho em grupo são componentes essenciais para o desenvolvimento de habilidades como a criatividade, a concentração, o discernimento da música em detrimento a cadência do movimento, até a simbiose diante ao erro, à improvisação.

Com o uso das ferramentas digitais é possível também ajudar, por exemplo, na organização de eventos, de performances virtuais, permitindo que os alunos apresentem e colaborem independentemente da distância geográfica, das discussões, das dúvidas e sugestões, pode contribuir a respeito do figurino, cabelo, maquiagem, controle da ansiedade que antecede as apresentações ou até mesmo depois delas, com possíveis frustrações em decorrência de fatores externos e alheios ao processo.

Em suma, o uso de tecnologias no ensino-aprendizagem em dança, especialmente para CC oferece benefícios significativos, que vão desde a ampliação do acesso ao conhecimento até a personalização do ensino e a criação de experiências de aprendizagem enriquecedoras. Ao incorporar ferramentas tecnológicas, educadores podem promover um ambiente mais interativo e colaborativo, essencial para o desenvolvimento das habilidades dos estudantes.

Desta forma, a dança não apenas se beneficia das inovações tecnológicas, mas também se reinventa, atraindo novas gerações de estudantes para essa expressão artística tão rica e dinâmica. Diante desse cenário, é fundamental que o campo educacional continue a explorar e a integrar as tecnologias disponíveis, assegurando que as artes, no caso a linguagem de dança, em consonância ao CC permaneçam acessível e imprescindível no século XXI, remontando toda a trajetória histórica e cultural, já tratada.

As Bandas Marciais têm se consolidado como um importante instrumento de formação cultural e social no contexto educacional brasileiro. No entanto, apesar de sua relevância histórica e cultural, essas iniciativas enfrentam diversos desafios e barreiras que comprometem seu pleno desenvolvimento e a efetividade do aprendizado.

Santos (2017, p.87) afirma que um dos “principais desafios observados na implementação e manutenção das bandas marciais nas escolas é a escassez de recursos financeiros”. Muitas instituições de ensino não possuem orçamentos suficientes para a compra e manutenção de instrumentos musicais, uniformes, adereços e equipamentos necessários para as aulas, e apresentações.

A falta de incentivo por parte das administrações públicas agrava a situação. Bom lembrar que segundo Lima (2005, p.32) “são pouquíssimas corporações que são de origens e mantenedoras de financiamentos particulares”. Sem um suporte adequado, as bandas acabam limitadas em seu potencial, dificultando o acesso dos alunos a uma formação musical,

artística, corporal de qualidade. Ainda assim, pode estagnar o potencial enriquecedor, pois a falta de investimentos impede ascensões em todo coletivo.

Outro obstáculo significativo é a resistência cultural que ainda persiste em algumas comunidades. A música marcial, embora rica em tradição e expressão, muitas vezes é vista como uma atividade secundária em relação ao currículo acadêmico tradicional (Paiva, 2024, p.29).

Essa perspectiva pode levar à desvalorização das Bandas Marciais, as quais são vistas apenas como uma forma de entretenimento e não como uma prática educativa que promove disciplina, trabalho em equipe e habilidades artísticas. A falta de reconhecimento do valor educacional das bandas dificulta a motivação dos estudantes e, conseqüentemente, o engajamento nas atividades propostas.

Além de ressaltar as condições de trabalho, a falta de reconhecimento enquanto área do conhecimento, das artes, da dança, ainda tem as remunerações dos profissionais. Nem todos os planos de cargos e salários dos professores atuantes na Educação Básica, são equitativos, no caso do Estado de Goiás, por exemplo, práxis consolidada, professores de BM graduados têm o seu vencimento dos proventos de acordo com a tabela do Magistério, no entanto, não recebem gratificações de regência de sala de aula, iguais aos demais, sem contar que são inúmeros contratos temporários em atuação docente, recebendo enquanto instrutores e vão para o quadro administrativo na tabela em seus vencimentos. Sendo desmotivante a continuidade do trabalho com excelência. Vide tabela do Sindicato, no Anexo (figura 02).

Valentim (2023, p.80) aborda que a “formação dos instrutores também é uma barreira relevante que impacta diretamente a qualidade das Bandas Marciais”. Muitos educadores que se envolvem com essas iniciativas não possuem formação específica em educação musical ou em técnicas de regência de bandas ou em formação em dança, educação física ou afim. Muitos fazem a carreira nas próprias bandas, numa relação mantenedora com as tradições ou ainda perpassando os conhecimentos de geração a geração.

Outro desafio pode ser caracterizado pela descontinuidade acerca dos integrantes da banda, pois muitas vezes o aluno inicia seus estudos no Ensino Fundamental vai até o Ensino Médio numa unidade educacional, por exemplo, sendo integrante da corporação, quando vai para a faculdade, em sua maioria, faz o Processo Seletivo Simplificado (PSS), adquire o

contrato temporário, estendido por mais tempo, caso houver necessidade. Tudo indica que tal situação, desmobiliza e desarticula as possibilidades de um plano de cargos e salários efetivos, condizente com o magistério.

Isso pode resultar em práticas pedagógicas inadequadas, que não exploram a totalidade do potencial educacional da música e da dança, aqui correlacionadas. Portanto, investir na capacitação dos instrutores/professores é fundamental para garantir que os alunos recebam um ensino de qualidade, capaz de fomentar o gosto pela música, pela dança, pelas artes em geral, como em quaisquer outras áreas de conhecimento, garantindo o desenvolvimento de habilidades cognitivas, criativas, sensíveis, além dos aspectos sociais e emocionais.

A concorrência com outras atividades extracurriculares pode representar um desafio adicional para as Bandas Marciais. Em um cenário educacional cada vez mais voltado para a formação técnica e acadêmica, as escolas tendem a priorizar atividades que visam resultados imediatos, como competições esportivas ou eventos focados em áreas de conhecimento específicas, além dos índices que dimensionam a Educação. Dessa forma, a música e a dança podem ficar relegadas a um segundo plano, o que pode contribuir para o seu esvaziamento no ambiente escolar.

Relação à dança do CC ainda se trata de outro aspecto que é a questão de gêneros. Observa-se que ainda conserva certo preconceito muito grande relação de quem dança com as questões de ordem cultural e social. Nem sempre essas atribuições às habilidades corporais desenvolvidas, referem-se aos meninos, gênero masculino, com bons olhos e/ou aceitação por parte dos mesmos, em participar do Corpo Coreográfico ou até mesmo do público quem prestigia os eventos, principalmente quando esses acontecem dentro das escolas. A exposição do corpo relação ao termo 'dança' pode ser pejorativa de quem o faz, retratando as questões emocionais, ao *bullying*, a não aceitação diante do grupo, a exclusão em diversas dimensões.

Corrêa mostra que não é coisa atual e já vêm dentro das tradições históricas os subjugamentos:

[...] ainda mantem-se a tradição quanto à inclusão de forma muito expressiva de meninas, permanecendo a maior parte do efetivo feminino para o exercício da função no Corpo Coreográfico. Acredita-se que a divisão de gêneros nas LF ainda é um tabu, em função da ausência de debates sobre essa questão, moldando um discurso que exonera qualquer possibilidade real de compreender que tanto a sociedade como as Bandas transformaram-se nas últimas décadas, construindo novos significados (Corrêa, 2017, p. 206).

Como mencionado, as BM Escolares enfrentam desafios significativos que vão desde a falta de recursos financeiros, da resistência cultural até a necessidade de formação adequada para os professores/instrutores. Para que essas iniciativas possam prosperar, é crucial que haja uma mobilização conjunta entre escolas, comunidades e órgãos governamentais, visando à valorização da música, da dança, das artes no geral, como um componente essencial da formação integral dos alunos. Somente assim, as BM poderão cumprir seu papel transformador, promovendo não apenas o aprendizado artístico, mas também a cidadania e o desenvolvimento pessoal dos jovens envolvidos.

5.1 Estratégias para maximizar a implementação da tecnologia

A evolução tecnológica tem impactado diversos setores da sociedade, e a educação, em particular, não ficou imune a essas transformações. Na busca por métodos mais eficientes de ensino-aprendizagem, as Bandas Marciais podem se beneficiar enormemente da integração de tecnologias.

Souza (2018) afirma que uma das primeiras estratégias para a efetiva implementação da tecnologia nas BM é a formação contínua dos educadores. É fundamental que os professores estejam aptos a utilizar as ferramentas tecnológicas disponíveis.

Isso pode ser alcançado por meio de *workshops*, cursos e seminários que abordem desde a utilização básica de *softwares* de edição de áudio e vídeo até o uso de plataformas de ensino a distância. Investir na capacitação dos educadores não só aumenta sua confiança, mas também enriquece o repertório pedagógico, permitindo que eles adotem abordagens inovadoras nas aulas.

A escolha e a implementação de recursos tecnológicos adequados são cruciais para o sucesso das BM na educação. “*Softwares* de notação musical, aplicativos de afinação e plataformas de gravação de áudio podem facilitar o aprendizado e a prática dos alunos” (Melo, 2015, p.48). Sendo assim, faz-se pensar o mesmo para dança, vale lembrar que se tem aplicativos, por exemplo, ou simuladores de dança disponíveis no mercado, nesse caso, usar-se-ia para estímulo de ritmos, coordenação, criatividade, desenvolvimento corporal, dentre outras habilidades inerentes ao ato de dançar, podendo da mesma forma, proporcionar o aprendizado e a prática cotidiana aos estudantes pertencentes ao CC.

O uso de vídeos educativos e tutoriais podem ajudar os alunos a aprimorarem suas habilidades de forma autônoma, promovendo a autoaprendizagem. A utilização de ferramentas de comunicação virtual também é vital, especialmente em contextos de ensino híbrido, permitindo que os alunos se conectem e colaborem, independentemente da sua localização.

Desta forma, o uso das tecnologias está de certa forma sendo adaptado com as propostas de políticas públicas educacionais, sancionada em forma de Lei, nº 15.100/2025 restringe o uso de celulares e outros aparelhos eletrônicos portáteis em escolas públicas e privadas da educação básica, em 13 de janeiro de 2025. No entanto, algo novo em que prevê o uso dos aparelhos para cunho pedagógico e didáticos, sob orientação dos profissionais de educação (Brasil, 2025).

No que tange análise aqui, diz respeito a não utilização do celular nas unidades escolares, mas para as atividades inerentes a proposta metodológica até então apresentada, faz necessário o manuseio do aparelho ou similar, como uso supervisionado para fins específicos, bem como devidos esclarecimentos conforme o porte de aparelhos eletrônicos, organização dos horários, nas aulas, utilizado como instrumento tecnológico, cabendo uma discussão a respeito da maturidade, responsabilidade do aluno, disciplina para o cumprimento das devidas regras, sem perdas significativas da potencialidade do uso das tecnologias no ensino e aprendizagem.

Desta forma, de acordo com Silva (2017) o envolvimento da comunidade escolar é uma estratégia essencial para maximizar a implementação da tecnologia nas BM. A participação dos pais, responsáveis e de organizações locais pode criar um ambiente de apoio e incentivo para os alunos, desde que esclarecido e conduzido para os trabalhos afins.

Para isso, tem-se necessidade esclarecer os objetivos do uso das tecnologias no ensino aprendizagem especial para BM sendo único e indispensável para CC. Ferraz (2017, p.325) afirma que a “realização de eventos como apresentações, *workshops* e palestras abertas ao público pode não apenas tornar a BM mais visível, mas também engajar a comunidade no processo educacional”. Além do esclarecimento a respeito do uso das ferramentas digitais para quem pratica, quem possibilita e quem aprecia, deve ser efetivado sempre, para o sucesso da metodologia aqui apresentada.

Parcerias com instituições de ensino superior e centros culturais podem também proporcionar acesso, o manuseio, a facilidade com orientações ao uso das ferramentas, benefícios e seus contrapontos, relação

dos recursos tecnológicos avançados e a expertise de profissionais da área, com os devidos esclarecimentos, direcionando para os caminhos da área do conhecimento.

A integração da tecnologia nas BM na educação representa uma oportunidade valiosa para enriquecer o ensino de música e dança, desenvolver habilidades essenciais nos estudantes praticantes dessas artes. Ao focar na formação dos educadores, na implementação de recursos tecnológicos e no engajamento da comunidade, é possível criar um ambiente educacional mais dinâmico, colaborativo e eficaz. Dessa forma, as BM não apenas contribuem para a formação musical, corporal dos estudantes, mas também para a sua formação pessoal e social, preparando-os para os desafios cotidianos.

A tecnologia, utilizada de maneira estratégica, pode potencializar essas experiências e transformar a educação musical, artística e corporal de movimentos em um espaço ainda mais inclusivo e inovador.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das leituras realizadas, identificaram-se alguns aspectos relevantes para responder a primeira indagação associada a esse objeto de estudo: “Como as ferramentas digitais podem auxiliar no processo de ensino aprendizagem no corpo coreográfico das bandas marciais com foco em práticas inovadoras?”.

Diante tal instigação a fim de obter respostas ou caminhos para vislumbrar as trilhas a ser seguida, esta pesquisa compilou diante estudos de caso e exemplos práticos, com sucesso, de como fazer uso das ferramentas digitais, de forma aplicada, sugerindo como a adoção de soluções tecnológicas podem variar dependendo da estrutura da escola, do suporte pedagógico e da formação dos profissionais, as possibilidades inovadoras de romper com as formas tradicionais de ensino aprendizagem. Sendo assim, tornou-se como objetivo geral a investigação da utilização de ferramentas digitais no processo de ensino e aprendizagem, com ênfase nos benefícios promovidos para o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes, componentes do Corpo Coreográfico das Bandas Marciais.

Da mesma forma, apontaram-se também os desafios enfrentados pelas instituições e educadores, como a falta de recursos e domínio tecnológico, a resistência à mudança, a quebra de paradigmas, de antigas práticas e concepções pedagógicas tecnicistas, tradicionalistas, bem como as lacunas na formação continuada dos profissionais, atuantes nas instituições escolares.

A análise dessas dificuldades permitiu-se uma visão crítica sobre as barreiras estruturais e pedagógicas que ainda limitam as implementações eficazes das tecnologias com uma nova proposta metodológica de ensino aprendizagem.

As conclusões obtidas a partir da análise das metodologias contemporâneas revelam que a integração de ferramentas tecnológicas não apenas enriquece o repertório artístico dos estudantes, mas também oferece novas dimensões para a formação de habilidades técnicas e criativas. As reflexões acerca da adoção de tecnologias no ensino de dança evidenciam um papel transformador. As ferramentas digitais permitem que os alunos revisitem suas performances, promovendo uma autoavaliação crítica que é essencial para o aprimoramento técnico e expressivo. Além disso, a possibilidade de aulas interativas expandiu o acesso à educação em dança,

permitindo que estudantes de diferentes localidades conheçam estilos, técnicas e profissionais que antes eram restritos a contextos geográficos, políticos, sociais e culturais específicos.

A introdução de tecnologia também demanda uma reflexão cuidadosa por parte dos educadores. É imprescindível que a utilização de recursos tecnológicos não haja uma substituição da vivência do corpo, da mediação estética direta entre professor e aluno, ou uma diminuição da presença e da interação social que são fundamentais no aprendizado da dança. Portanto, o desafio é encontrar um equilíbrio que potencialize essas ferramentas sem comprometer os princípios essenciais do ensino da dança do CC.

A intersecção entre tecnologia, o ensino de dança do CC, e a Banda Marcial oferece um panorama promissor para a educação contemporânea. Através da reflexão constante e da pesquisa direcionada, é possível moldar um futuro em que a tecnologia não apenas complemente, mas amplifique o aprendizado e a expressão artística, respeitando a essência da dança como forma de arte e expressão cultural, enquanto área de conhecimento. A construção de práticas educacionais que sejam inclusivas, críticas e criativas se apresenta como um imperativo para educadores e estudantes na era digital.

Visando um futuro mais rico em práticas pedagógicas inovadoras, é crucial que a pesquisa sobre o uso da tecnologia na dança continue a se expandir. Recomenda-se que estudos sejam realizados a respeito da eficácia de outras ferramentas que podem ser utilizadas, quais práticas têm maior impacto no aprendizado, e como a tecnologia pode facilitar a inclusão de alunos com diferentes habilidades e necessidades. Além disso, a criação de um banco de dados com experiências e metodologias que integre tecnologia de forma harmônica e criativa no ensino da dança do CC pode servir como um guia valioso para educadores e instituições.

Sugere-se ainda a promoção de *workshops* e cursos de formação continuada para professores, com foco na utilização de tecnologias emergentes e sua aplicação prática no ambiente de ensino e aprendizagem. A capacitação constante permitirá que os educadores se sintam mais seguros e habilitados a explorar novas abordagens e a enfrentar desafios que possam surgir na implementação dessas ferramentas.

REFERÊNCIAS

- Akstein, D. K. S. (2023). Benefícios da prática de dança Israeli no ambiente escolar. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação, UFRJ, Rio de Janeiro. Disponível em <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/21196/1/DAkstein.pdf> Acessado em 16 de dezembro de 2024.
- Almeida, M. E. B. de; Silva, M. Da G. M. da. (2011). Currículo, tecnologia e cultura digital: espaços e tempos de web currículo. e-curriculum, v. 7, n. 1, Edição Especial. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/5676>. Acesso em 15 de setembro de 2023.
- Assumpção, T.R.F. (2015). “O espelho do eu”: autorretrato como método de pesquisa entre estudantes do ensino médio. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/9865/O-espelho-do-Eu-Artigo-Monogr%C3%A1fico.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso 27 de fevereiro de 2025.
- Barbosa, A. M. (2019). A imagem no ensino da arte. São Paulo: Perspectiva.
- Barros, A. F.de. (2019). O uso das tecnologias na educação como ferramentas de aprendizado. Revista Científica Semana Acadêmica, Fortaleza, ano MMXIX, n. 156. Disponível em: https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo_o_uso_da_tecnologia_como_ferramenta_aprendizado_1.pdf.
- Binder, F. P. Bandas de música no Brasil: uma revisão de conceitos a partir de formações instrumentais entre 1796 - 1826. In: Encontro de Musicologia Histórica VI. Juiz de Fora, 2004. Anais Juiz de Fora: Centro Cultural Pró-Música, 2006.
- Brandani, N. A banda marcial como núcleo de formação musical. Dissertação de Mestrado, Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.
- Brasil. (2017). Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.
- Brasil. (2000). Ministério da Educação e Cultura. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: SEF/MEC.

- Brasil. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acessado em: 06 de dezembro de 2024.
- Brasil. (2025). Planalto Lei Nº 15.100, de 13 de Janeiro de 2025. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/lei/l15100.htm Acessado em 26 de janeiro de 2025.
- Cabral, L. C. (2012). Linha de frente das bandas marciais em goiânia - corpo coreográfico - como surgiu e onde estamos? Disponível em: <https://www2.pucgoias.edu.br/anais/2012/PDF/Anais-SCT-PUC-Goiias-2012.pdf> Acessado em 06 de dezembro de 2024.
- Corrêa, E. M. (2017). Linhas de Frente das Bandas Marciais de São Paulo: uma história de tensões e negociações (1957-2000). Curitiba: Editora CRV.
- Confederação Nacional de Bandas e Fanfarras. Regulamento Nacional. Campeonato Nacional. <https://cnbf.org.br/>
- Costa, I. T. L. G. C. (2016). Metodologia do ensino a distância. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/25345/1/eBook_Metodologia_do_Ensino_a_Distancia-Ci%c3%aancias_Contabeis_UFBA.pdf . Acessado em 14 de dezembro de 2024.
- Dewey, J. (1970). Liberalismo, liberdade e cultura. Trad. Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Feitosa, S. C. S. (1999). Método Paulo Freire princípios e práticas de uma concepção popular de educação. Disponível em: <https://acervoapi.paulofreire.org/server/api/core/bitstreams/3d38f1ba-d44f-44aa-b43b-2bdd9bf9521b/content> Acessado em 22 de janeiro de 2025.
- Ferraz, F. M. C. (2017). O corpo da dança negra contemporânea: diásporas e pluralidades cênicas entre Brasil e Estados Unidos. Disponível em: file:///D:/Must%20Mestrado/Capstone/Capstone%20pen%20drive/ferraz_fmc_dr_ia.pdf Acessado em 23 de dezembro de 2024.
- Francisco de Paulo, D. (2023). Para pensar arte, educação e sustentabilidade: um estudo do Projeto Respiradores pela ótica das noções de ecosofia e educação performativa. Disponível em <http://hdl.handle.net/1843/69586> Acessado em 27 de novembro de 2024.
- Giongo, G., & Neuenfeldt, D. J. (2024). Percepções de alunos do ensino médio sobre o uso de tecnologias digitais nas aulas de educação

física. Pedagógica: Revista do programa de Pós-graduação em Educação-PPGE, (26), 4. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9405290> Acessado em 19 de dezembro de 2024.

Granja, M. D. (1984). A Banda: Som & Magia. Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado, Escola de comunicação da UFRJ, Rio de Janeiro.

Libâneo, J. C. (1994). Didática. São Paulo: Cortez.

Lima, M. A. (2005) A banda estudantil em um toque além da música. Tese de Doutorado. UNICAMP. Campinas. Disponível em 10.47749/T/UNICAMP.2005.338785 Acessado em 07 de dezembro de 2024.

Manfredi, S. M. (1993). Metodologia do Ensino - diferentes concepções (versão preliminar). USP. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1974332/mod_resource/content/1/METODOLOGIA-DO-ENSINO-diferentes-concep%C3%A7%C3%B5es.pdf Acessado em 08 de dezembro de 2024.

Marques, I. (2003). Metodologia para o ensino da dança: luxo ou necessidade? Lições de dança 4. Rio de Janeiro. UniverCidade Editora.

Melo, B. T. A. D. (2015). Os efeitos de estudos formais associados ao recurso didático da gravação na prática de bateristas populares. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/8421/2/arquivototal.pdf> Acessado em 23 de dezembro de 2024.

Nunes, D. E. D. S. (2019). O software educativo SmartMusic no ensino da Flauta Transversal (Doctoral dissertation). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.11/6473> Acesso em 16 de dez de 2024

Paiva, W. J. D. S. (2024). Música na EJA: um estudo sobre os sentidos das práticas pedagógicas e musicais no contexto da educação de jovens e adultos. Disponível em <http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/23184>. Acesso em 16 de dezembro de 2024.

Pinto, J. (2023). Para além da forma: os estímulos cinestésico e ideacional como promotores na descoberta do movimento próprio na disciplina de expressão criativa, com alunos do 1º e 2º anos do curso básico de dança, do Conservatório de Dança de Vila Nova de Famalicão (*Doctoral dissertation*, Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Dança). Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.21/16762>. Acesso em 16 de dezembro de 2024.

Santos, V. S. D. (2023). Cineclub: reflexões sobre a presença da

videodança em uma escola de ensino médio de Manaus. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/9959> Acesso em 16 de dezembro de 2024

Santos, C. F. D. (2017). Saberes percussivos nas escolas públicas da cidade de Fortaleza. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/24234>. Acessado em 16 de dezembro de 2024.

Saviani, D. (2020). Arte e educação integral na concepção histórico-crítica: uma entrevista com Demerval Saviani. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/32336/27078> . Acessado em 25 de janeiro de 2025.

Saviani, D. (2021). *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. Campinas, SP: Autores Associados.

Severino, A. J. (2013). *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez.

Silva, A. V. M. (2016). A pedagogia tecnicista e a organização do sistema de ensino brasileiro. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8644737/15765> Acessado em 23 de janeiro de 2025.

Silva, G.V. (2017). Tecnologias midiáticas como estratégia de apoio ao ensino da música na educação básica. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/31b8240c-a116-4ff8-81a7-3a1dcac8ef34/content> Acessado em 25 de fevereiro de 2025.

Silva, I. R. D. (2017). Educação integral e educação de tempo integral: aproximações e distanciamentos na operacionalização do Programa Mais Educação nas escolas polos municipais rurais de Monte Negro–RO.

Silva, R. L. D. (2020). *Memórias da Banda: percursos de formação de ex-integrantes*. Dissertação de Mestrado UFBP, João Pessoa, 2020. Disponível em https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/18517/1/RodrigoLisboaDaSilva_Dissert.pdf Acessado em 14 de dezembro de 2024.

Silva, R. S., & Protásio, N. (2018). Uma revisão de literatura sobre bandas de música: dados bibliográficos com base em publicações da ANPPOM e ABEM (2013-2017). *Anais do SIMPOM*, (5). Disponível em <https://seer.unirio.br/simpom/article/view/7727/6678> Acessado em 14 de dezembro de 2024.

Sintego (2025). Tabela de vencimento dos professores da Rede Estadual

de Educação Goiás. Disponível em <https://sintego.org.br/tabelas-salarias-estadual> Acessado em 26 de janeiro de 2025.

Souza, J. R. T. D. (2018). Formação continuada em Música na rede pública municipal de educação de João Pessoa: percepção dos professores frente às demandas de atuação. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/13570>. Acesso em 16 de dezembro de 2024.

Tinhorão, J. R. (1998). História Social da Música Popular Brasileira. São Paulo: Editora 34.

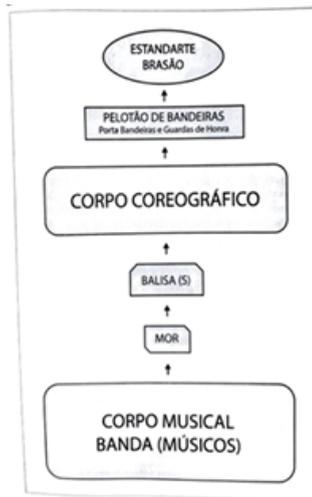
Tinhorão, J. R. (2005). Os Sons que Vêm da Rua. São Paulo: Editora 34, 2ª ed.

Trindade, C. P. (2023). Uso de games como instrumento de aprendizagem de biologia aplicados no ensino médio técnico do IFAP–campus Laranjal do Jari-AP. Disponível em <http://repositorio.ifap.edu.br/jspui/handle/prefix/871> acesso em 16 de dez de 2024.

Valentim, H. X. G. (2023). Tornando-se educador: reflexões sobre aprendizagens numa banda de música militar. Disponível em <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/30262>. Acesso em 16 de dez de 2024.

ANEXO

Figura 01- Esquema de formação básica para desfile da Linha de Frente



Fonte: Corrêa (2017, p.169)

Figura 02 – Tabela de Vencimentos 2025 – 20 Horas dos professores da Rede Estadual de Educação Goiás – Janeiro 2025.

TABELA DE VENCIMENTOS 2025 - 20 HORAS

PROFESSORES/AS DA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO ATIVOS/AS E APOSENTADOS/AS

APLICAÇÃO DO PERCENTUAL DE REAJUSTE DO PISO DO MAGISTÉRIO DE 2025, DE 6,27% NO NOVO PLANO DE CARREIRA

VIGÊNCIA A PARTIR DE 01 DE JANEIRO DE 2025

QUADRO PERMANENTE DO MAGISTÉRIO - CH 20 HORAS - REAJUSTE DE 6,27%

CARGO	NÍVEL	VENCIMENTO			
		CLASSE I	CLASSE II	CLASSE III	CLASSE IV
PROFESSOR	A	2.457,38	2.457,38	2.580,25	2.770,69
	B	2.457,38	2.457,38	2.631,85	2.826,11
	C	2.457,38	2.457,38	2.684,49	2.882,63
	D	2.457,38	2.457,38	2.738,18	2.940,28
	E	2.457,38	2.457,38	2.792,94	2.999,09
	F	2.457,38	2.457,38	2.848,86	3.059,07
	G	2.457,38	2.457,38	2.905,93	3.120,23
	H			2.963,89	3.182,66
	I			3.023,17	3.246,31
	J			3.083,63	3.311,24
	K			3.145,31	3.377,46
	L			3.208,21	3.445,01
	M			3.272,38	3.513,91
	N			3.337,82	3.584,18
	O			3.404,58	3.655,87

Fonte: Lei 23.234 de 16/01/2025 GOVERNO DE GOIÁS
Elaboração: DREES

Nº da Lei: 23.234
Data de aprovação: 16 de janeiro de 2025
Data de publicação: 16 de janeiro de 2025
Piso do Magistério referente ao ano: 2025

Fonte: Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás (SINTEGO)

Este livro apresenta uma investigação inédita sobre o ensino e a aprendizagem do Corpo Coreográfico das Bandas Marciais, prática cultural e educativa presente no cotidiano escolar brasileiro. A pesquisa analisa os caminhos metodológicos que integram tradição e inovação, discutindo como as ferramentas digitais podem potencializar o processo de formação dos estudantes, especialmente após as transformações impostas pela pandemia da COVID-19. A obra destaca a relevância histórica e social das Bandas Marciais, situando o Corpo Coreográfico como espaço de expressão artística, desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Ao mesmo tempo, problematiza os desafios do ensino da dança nesse contexto, propondo metodologias ativas, interativas e tecnológicas que dialogam com a realidade da geração Alpha e com as novas formas de aprender e ensinar. Mais do que um estudo acadêmico, trata-se de uma reflexão sobre práticas pedagógicas inovadoras, capazes de ressignificar a experiência escolar e ampliar horizontes formativos, colocando o aluno como protagonista na construção de conhecimento, criatividade e sensibilidade.

